

sentido de nosso participar da relação de Jesus com Deus. E nesse sentido ninguém pode acrescentar algo a ela. Tudo já está contido nela.

Todavia, não falta a certas comunidades eclesiais protestantes, p.ex., a sucessão apostólica do magistério? Já no ano de 1984 a comissão bilateral da Conferência Episcopal da Alemanha e da direção da Igreja Evangélico-luterana unida da Alemanha emitiu um documento: “Comunidade eclesial e sacramento”. Seu resultado principal consistia em perceber que nas comunidades evangélicas o ministério seria transmitido sem graus. Por isso não se podia excluir que pastores evangélicos, segundo a concepção católica, seriam bispos (cf. *ibid.*, 75,77, 109 e o.). Pelo que eu saiba, a esse resultado da comissão oficialmente instituída nunca foi recebida uma resposta da Igreja católico-romana. No entanto, uma resposta não seria necessária antes de continuar a dizer que nas comunidades evangélicas o ministério sacramental não seria plenamente conservado?

Fim de todo esforço ecumênico há de ser, de um lado, que cristãos de linguagens diferentes, mas de uma e mesma fé, deixem de contestar mutuamente a legitimidade [ortodoxia] de sua fé. Além disso, é desejável que mutuamente se reconheçam de forma positiva. Para tal é suficiente que sua fé em Jesus Cristo como o Filho de Deus consiste em saber o mundo todo acolhido no amor eterno do Pai ao Filho e, em razão dessa fé, viver diferente do que a partir do medo pela própria pessoa. Seja como for, já Paulo alertou os cristão em Corinto de não tornar sua pertença a ele ou a Cefas (Pedro) ou Apólo critério próprio de diferenciação da fé (1Cor 1,12s e 3,5-17). Por acaso, Paulo foi crucificado por vocês?

Para a pertença a uma Igreja de Jesus Cristo que no Símbolo professamos como a una [e única] católica a concordância na fé é absolutamente necessária. Pois essa fé já contém em si tudo o que é necessário e em si é indivisível. Evidentemente é por demais desejável constatar e reconhecer tal concordância explicitamente. Porém, pensar que a concordância na fé existe somente quando também foi declarada, em última consequência desembocaria em um comportamento cismático pelo qual nós mesmos teríamos que responsabilizar-nos. A constatação da concordância não é absolutamente necessária e sim apenas necessariamente possível. Uma comparação profana: faz parte da essência do jogo de futebol que necessariamente podem ser feitos gols. Porém, um jogo em que não há gols, mas que empata 0:0, ainda assim continua sendo futebol quando mantido que é altamente desejável fazer gols. Dessa forma, alguns aspectos da Igreja podem permanecer latentes por muito tempo em diversas Igrejas singulares. P.ex., a conciliaridade também pertence à essência da Igreja, mas na Igreja católico-romana, depois do Concílio de Trento, durante três séculos não houve concílio sem que com isso a Igreja teria que ter deixado de ser Igreja. No entanto, foi tudo menos proveitoso não convocar um concílio durante tanto tempo.

Cristãos podem pertencer à Igreja universal, mesmo que falem linguagens completamente diferentes e não se entendam bem por falta de bons intérpretes. Jesus mesmo respondeu aos discípulos que não estavam dispostos a tolerar que também outros expulsavam demônios no seu nome: Quem não é *contra nós* é por nós (Mc 9,38-40). Somente com relação a ele mesmo vale dizer: Quem não é *por mim* é contra mim (Mt 12,30). Com a fé em Jesus Cristo no sentido de sua filiação divina e de nossa participação de sua relação com Deus está dada a fé toda. Como a brasa por debaixo das cinzas tal fé é suficiente para incendiar novamente uma labareda.